

A quinada autoficcional no *ciberespaço: revisando a figura do* *autor na contemporaneidade*

Anderson Guerreiro⁵⁴

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Recebido em: 10/02/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

A sociedade contemporânea é fortemente marcada pela presença da tecnologia que, por sua vez, entorna-se às dimensões do ciberespaço. Paralelo a isso, as escritas narrativas contemporâneas assistem a uma acentuada presença e espetacularização do *eu* e a constante busca da figura do produtor nas linhas de suas narrativas, especialmente nesta era digital e com o advento das novas mídias. Nesse contexto, o autor e o exercício de autoria adquirem novos conceitos diferentes daqueles, até pouco tempo, pregados por diversas escolas de crítica literária, como o formalismo russo e o estruturalismo francês. Assim sendo, temos como objetivo, neste trabalho, evidenciar e analisar esses novos conceitos agregados à autoria contemporânea, por meio da análise de um romance de caráter autofictício escrito em um blog. Evidenciamos que a autoficção é usada como artifício por parte dos autores, uma vez que exprimem seus desejos narcisistas de falar sobre si, no entanto disfarçam-se em forma de ficção, trazendo novamente à cena literária o interesse, por parte do leitor e da crítica, ao autor. Dessa forma, a autoficção é um dos novos gêneros literários que, ao ser teorizada, reformula velhos conceito acerca da autoria.

Palavras-chave

Autoficção. Autoria. Blog.

⁵⁴ Mestrando em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas.

Introdução

O apogeu do estruturalismo francês, em meados da década de 1960, levou diversos críticos do campo literário a declarem a “morte do autor”, tal termo ganhou destaque logo após Roland Barthes publicar, em 1968, um ensaio com o mesmo nome. O objetivo era a recusa à figura autoral como parte essencial para a compreensão e interpretação de seus escritos. Anteriormente, na década de 1950, o ensaísta e crítico Maurice Blanchot já pregava o sacrifício do autor em benefício de sua obra. Além da morte da autoria, as ideias do teórico opunham-se ao modelo autoral até então vigente, aquele que enxergava o autor como gênio criador, capaz de explicar sua obra pela sua vivência.

Ao analisar a cena literária contemporânea, observa-se uma perspectiva totalmente inidônea à realidade pregada na década de 1960, e o autor, decretado morto, agora ressurge; volta à cena; sobressai, alguns teóricos convém denominar tal episódio como “retorno do autor” (FIGUEIREDO, 2014; ARFUCH, 2012; AZEVEDO, 2008).

Dessa forma, o conceito de “retorno do autor”, atualmente, dá-se principalmente pela considerável preferência e interesse pelas escritas de si e do outro, pelas autobiografias e autoficções, por exemplo. Estas últimas encontram, com o advento da internet e da cibercultura, um ambiente propício à sua divulgação e popularização, especialmente nas plataformas digitais conhecidas como blog, lugares dedicados às escritas do cotidiano, das experiências e gostos do blogueiro. Acessível aos cibernautas, este novo suporte coloca em discussão os limites que devem haver entre realidade e ficção, isto é, na maioria desses escritos não se sabe exatamente se o que o blogueiro escreve é real ou aquilo que diz ser ficção é na verdade sua realidade mascarada.

Nesse sentido, a autoficção é utilizada pelos blogueiros, em seus *posts*, como um elemento estratégico, isso talvez porque mantêm o desejo narcisista de falar de si, mas conservam-se na impossibilidade de exprimir um verdadeiro “eu”, usando, desse modo, os artifícios da autoficção, gênero criado e teorizado, em 1977, pelo francês Serge Doubrovsky, o qual une ficção e realidade numa mesma narrativa.

Tais fenômenos descritos fazem com que o conceito de autoria na pós-modernidade adquira novos significados. Como enunciou Portanova (2010, p. 152), “o pensamento da autoria deve ser contemporâneo à própria ideia que dela se tem”, na cultura atual, com a exaltação do sujeito, a sociedade midiaticizada, o advento da internet e das novas mídias, a figura do autor sobressai e a autoria adquire novos conceitos que devem ser evidenciados e analisados, o que nos propomos a partir de então.

1 O conceito estruturalista acerca da autoria: Blanchot, Barthes e Foucault

A segunda metade do século XX marcou uma, então, tentativa de modernizar a compreensão sobre o funcionamento da autoria nos textos literários. Influenciados pelo movimento estruturalista francês, diversos intelectuais e críticos literários levantaram pressupostos os quais enunciavam a intenção, o peso da biografia e a vida do escritor como aspectos a não serem levados em consideração para a compreensão e interpretação de suas obras. Esta teoria ficou conhecida como “a morte do autor”, especialmente depois de Roland Barthes publicar, em 1968, um ensaio com o mesmo nome. Esse posicionamento também foi visível logo após, em 1969, em Michel Foucault, no texto *O que é um autor?*.

No entanto, foi com Maurice Blanchot que essa ideia havia sido iniciada no início de 1950. Um dos textos no qual se observa tal pensamento é a obra *O livro por vir*, nela o crítico analisa algumas facetas do que denominou “a experiência literária”. Assim enuncia:

A obra exige que o homem que escreve se sacrifique por ela, se torne outro, se torne não um outro com relação ao vivente que ele era, o escritor com seus deveres, suas satisfações e seus interesses, mas que se torne ninguém, o lugar vazio e animado onde ressoa o apelo das obras (BLANCHOT, 2005, p. 316).

Blanchot desfavorece a figura autoral e se centra na análise do texto literário em si, nos elementos textuais, e não na ideia de uma vivência ou relação entre realidade e ficção. Nesse sentido, ele notou, sobretudo em Beckett e Proust, esse desfalecimento do sujeito autor ao transformar-se em um outro *eu*, caracterizando a impessoalidade necessária ao momento da escrita. Sobre Proust, ele discorre: “Dizemos Proust, mas sentimos que é totalmente outro que escreve [...] que utiliza o nome de Proust, mas não exprime Proust, que só o exprime desapropriando-o, tornando-o Outro” (BLANCHOT, 2005, p. 306).

Tais ideias blanchotianas são suscitadas a partir da crise da representação – no sentido de identidade – e do desaparecimento da autoria, cometidos desde autores como Mallarmé, Valéry e Rimbaud, no fim do século XIX. Para Figueiredo (2014, p. 183), as ideias de Blanchot são concebidas uma vez que, como observa, “o escritor vive atravessado por fantasmas que habitam seu mundo imaginário”, assim ele alerta, criticando artistas como Nerval e Goya, que “quanto mais o artista adentra o mundo da ficção, mais obcecado ele fica” (p. 184).

Na década de 1960, Roland Barthes, ao publicar o ensaio *A morte do autor*, destacou-se ao abordar questão semelhante àquela praticada por Blanchot. No texto, o teórico posicionou-se contrário ao peso da biografia e a intencionalidade do autor para a compreensão de sua obra. Barthes defende a ideia de não haver relação alguma entre a vida social do autor

e a narrativa de sua obra, isso porque, para ele, há um desfalecimento desse autor, no momento da escrita, em favor da linguagem, isto é, numa obra o sujeito é somente falado e representado pela linguagem: “Sem dúvida sempre foi assim: desde que um fato é *contado* [...] produz-se esse desligamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte e a escrita começa” (BARTHES, 2004, p. 58, grifo do autor).

A morte do autor, defendida por Barthes, diz respeito a esse desaparecimento do sujeito no ato da escrita. Anteriormente, a crítica biográfica tentava, a todo custo, identificar a voz do autor que, para os críticos, era aparentemente disfarçada em forma de ficção. Barthes se contrapunha à escuta dessa voz, priorizando a análise referente ao modo como o sujeito é falado pela linguagem (*apud* FIGUEIREDO, 2014). Nessa perspectiva, Barbosa (2003), ao analisar a poesia de Manoel de Barros, observa que nela há um sujeito descentralizado, que se apresenta no interior dos versos, ou mesmo, em alguns poemas, ele não aparece. Assim, o teórico aponta que, em Barros, “o sujeito tem como única certeza a morte que carrega dentro de si” (p. 111); dessa forma, Barbosa estabelece um diálogo com a psicanálise, que tenta mostrar que o *eu* que fala é desconhecido pelo sujeito autor, sendo cada qual instâncias diferentes.

Barthes criticou ainda o que denominou “império do autor” (2004, p. 59), ou seja, o lugar central reservado à imagem do escritor, bem como a sua história, seus gostos, suas paixões, fazendo assim com que “a *explicação* da obra seja sempre buscada do lado de quem a produziu, como se [...] fosse sempre [...] o *autor* a revelar sua ‘confidência’” (p. 58, grifos do autor).

Foucault, em seus estudos sobre autoria, aproximou-se relativamente das reflexões de Blanchot e Barthes acerca do apagamento do sujeito na escritura, ainda que suas análises sejam referentes aos discursos em gerais e não exclusivamente aos literários. Na conferência *O que é um autor?*, o filósofo privilegiou o autor textual e não o sujeito empírico, para ele, o autor é um das funções do sujeito, ou seja, é aquele responsável pelos enunciados constituintes dos discursos.

A fim de traçar uma relação entre os textos e seus autores, Foucault (2004) destaca algumas observações sobre esta figura em relação ao seu aparecimento nos discursos, bem como aponta a eventos históricos que, de certa forma, marcaram a figura do autor. O filósofo questiona que não basta apenas decretar a morte do sujeito⁵⁵, mas sim evidenciar o estatuto do que vem a ser um autor.

⁵⁵ O termo “sujeito” usado no decorrer do artigo refere-se especificamente ao autor empírico, o escritor, sendo este nosso objeto de análise.

A autoria, denominada por Foucault de função autor, é assim conceituada pelo filósofo como “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (2004, p. 46), sendo assim, Foucault aponta nos características que remetem a esta figura tão singular. Para ele, a noção de autoria, como nome ligado ao sujeito escritor, iniciou-se no século XVIII, quando instituições políticas e religiosas determinaram a assinalação obrigatória do nome do autor em seus livros, prática pouco comum até então, dessa forma, os autores tornaram-se responsáveis e penalizados pelos seus escritos. Foucault observou também um quiasmo em relação à recorrência da função autoral nos discursos, que, no século XVII, deixou de existir nos científicos e apareceu exacerbadamente nos literários. Para isso, as atribuições de discursos a um possível produtor, constituindo a formação do autor, são colocadas por Foucault baseadas em técnicas usadas na exegese cristã, isto é, o valor da obra, a coerência conceitual e teórica, o estilo e o seu momento histórico (FOUCAULT, 2002).

Por fim, Foucault (2002) observa os vários “eus” que a função autor pode exercer, ressaltando assim que pode haver mais de uma forma de autoria, assim o autor textual não remete necessariamente ao sujeito empírico: “Seria tão falso procurar o autor no escritor real como no locutor fictício [...] todos os discursos que são providos da função autor comportam esta pluralidade de ‘eus’” (p. 55). A propositura de Foucault, que se sustenta nas suas análises, é a necessidade de um distanciamento do sujeito da produção escrita, assim como retirá-lo do papel de uma função preponderante para a interpretação e a origem dos discursos.

Figueiredo (2014, p. 184) aponta que a diferença entre Foucault e Barthes nessa perspectiva de desaparecimento do autor, é que enquanto aquele acreditava que “era em proveito de uma compreensão do discurso como acontecimento, fazendo parte de um processo muito mais coletivo e histórico”, este acreditava que “essa dessacralização [...] visava à recepção do leitor”.

A teoria da morte ou desaparecimento do autor aos poucos foi se fragilizando. O próprio Barthes, anos seguintes, afirmou que, embora tenha declarada a “morte do autor”, o leitor deseja-o nos textos. Assim, o crítico confessa que o autor ressurgiu, dessa vez, “não como ilusão, mas como *ficção*. Um certo prazer é tirado de uma maneira da pessoa se imaginar como *indivíduo*, de inventar uma última ficção” (BARTHES, 2004b, p. 73, grifos do autor), notadamente, observa-se que esse autor, que para Barthes retorna, aproxima-se do sujeito da autoficção, quando apresenta seus traços biográfico em forma de ficção.

Atualmente o conceito de “retorno do autor” se dá principalmente pela considerável preferência e interesse às escritas de si e do outro, as autobiografias, as

autoficções, por exemplo. Essa última encontra com o advento da internet e da cibercultura um ambiente propício a sua divulgação e popularização. Tal fenômeno faz com que o conceito de autoria na pós-modernidade adquira novos significados atualmente.

2 O advento da internet, a autoficção blogueira e a figura do autor

Não apenas a literatura contemporânea brasileira como também a latino-americana vivencia uma realidade que ganhou destaque desde o início do atual século: a presença significativa da figura do autor nos textos que, por ele, são produzidos. Esse episódio remonta ao final do século XIX, quando, ao conquistar seus direitos e reconhecimentos, o autor passa a ter um *status* de “gênio criador”. Chartier (1997, p. 60) observa que depois do século XIX “o texto adquire uma identidade que refere imediatamente à subjetividade do seu autor e não à presença divina, ou à tradição, ou ao gênero”. A vida, a realidade e o cotidiano do autor invadem, a partir de então, as linhas de suas narrativas. Silvano Santiago, Cristóvão Tezza, Ricardo Lísias e João Gilberto Noll ilustram exatamente este episódio na atualidade, e que Arfuch (2002) nomeou de “guinada biográfica”.

Como resultado desse fenômeno, as escritas de si ganharam destaque nas narrativas e assim são facilmente encontradas na cena literária contemporânea. Como o próprio termo aduz, são textos nos quais o próprio autor é usado como referências à sua produção. Temos, assim, as autobiografias, os relatos pessoais, as memórias, os diários, as correspondências. Nessa esteira, temos também, por exemplo, o advento dos *reality shows*, entrevistas, *talk shows*, para Arfuch (2012, p. 14) é “nesse universo narrativo, onde o *eu* se desdobra em suas múltiplas máscaras, em uma mistura heteróclita e até impertinente, que imprime sua marca na cultura contemporânea”.

Arfuch (2012) avalia esse traço sintomático da subjetividade contemporânea em aspectos negativos e positivos. A não distinção entre o público e o privado; a realização pessoal como objetivo máximo; a abertura da intimidade; o narcisismo; o individualismo e a competição de modo feroz são os fatores que incidem negativamente. Por outro lado, esta guinada subjetiva também pode ter particularidades positivas, como as estratégias de autoafirmação; a recuperação de memórias individuais e coletivas e a busca de reconhecimento e identidade. Observamos que a tendência a esse tipo de escrita é resultado de uma sociedade contemporânea narcisista e midiática, e a sociedade, cada vez mais interessada na pessoa do autor, encontra nas novas mídias um fator propício a sua expansão e impulso, daí o advento das redes sociais, fotologs e dos blogs.

Em destaque, o blog⁵⁶ é uma das ferramentas mais favoráveis à propagação dessas escritas de si. Criar uma conta nessas plataformas é acessível, e a produção do seu conteúdo é exclusiva do usuário, que agora se torna um escritor de blog ou, como mais conhecido, um blogueiro.

Atualmente, é possível, nestes espaços, escrever de tudo, desde receita culinária até críticas de filmes favoritos. No entanto, o blog não perdeu seu objetivo primordial, o de relatar vidas de forma digital. Azevedo (2005) conceitua este espaço cibernético como páginas pessoais nas quais os autores podem expor desde experimentações literárias até os mais banais comentários sobre o seu cotidiano. À maneira de diário íntimo, é construído de maneira cronológica. Dessa forma, a autora entende o blog “como o mais novo dispositivo propulsor de artificialismo que investe na espetacularização do sujeito” (AZEVEDO, 2008, p. 32).

Este novo suporte põe em debate os limites que existem entre a escrita autobiográfica e a fictícia, seja por não se saber se o que o blogueiro escreve como real não passa de invenção ou se aquilo que diz ser ficção é, de fato ou em partes, sua realidade mascarada. Concomitante a esta discussão, há ainda a difícil distinção entre o “autor-pessoa” e “autor-criador”⁵⁷ e seus desdobramentos:

Cria-se um personagem até mesmo na confissão mais sincera ou no testemunho da verdade apegada aos fatos. É que não há como se apresentar diante do outro, a não ser dotado de uma máscara [...] contudo pessoa e personagens parecem se unir no ‘eu’, no imaginário de uma hipotética completude (ARFUCH, 2012, p. 19).

Nessa confusão entre personagem e produtor que se mesclam no protagonismo de um relato factual e inverossímil, criando um personagem ambíguo e indefinido, sobressai-se a autoficção. Nestas escritas, o leitor não consegue definir os limites entre realidade e ficcionalidade. Assim, a autoficção é utilizada pelos blogueiros em seus *posts* como estratégia, isso talvez porque mantêm o desejo narcisista de falar de si, mas conservam-se na impossibilidade de exprimir um verdadeiro “eu”, usando, desse modo, os artifícios autoficcionalis.

Serge Doubrovsky, em seu romance “Fils” (1977), criou e teorizou o termo “autoficção” como um gênero literário no qual se veem misturados realidade e ficção,

⁵⁶ O termo blog resulta das palavras inglesas “web”, com o sentido de rede digital e “log”, como registro de atividades pessoais e diárias. A princípio poderia ser denominado como um **diário online**, uma vez que foi destinado às escritas acerca do cotidiano do internauta.

⁵⁷ Termos cunhados por Bakhtin (2003), sendo o primeiro o escritor, o artista, o autor de carne e osso; o segundo a instância autoral que constitui e dá forma ao conteúdo da obra além de ser o sustentador da unidade do texto.

diferenciando-o da autobiografia e da ficção. Assim, Doubrovsky conceitua a autoficção como:

Uma variante pós-moderna da autobiografia, na medida em que se desprende de uma verdade literal, de uma referência indubitável, de um discurso historicamente coerente, apresentando-se como uma reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos da memória (*apud* HIDALGO, 2013, p. 223).

O termo autoficção é entendido por Figueiredo (2010, p. 91) como “um gênero que embaralha as categorias de autobiografias e ficção de maneira paradoxal ao juntar, numa mesma palavra, duas formas de escrita que, em princípio, deveriam se excluir”. A autora considera que, mesmo sabendo que os autores literários se inspiram, em algum momento, na sua vida para escrever, a ficção se firmou no campo literário, enquanto que a autobiográfica sempre foi deixada de lado pela crítica e pela sociedade. Com formatos inovadores e mesclando esses dois elementos, tradicionalmente considerados antagônicos, é que se firma a autoficção.

Nos romances autobiográficos, o *eu* expresso é indefinido, uma vez que não há limites entre realidade e ficção, assim, Azevedo (2008, p. 35) entende esse gênero como um “apagamento do *eu* biográfico, capaz de constituir-se apenas nos deslizamentos de seu próprio esforço por contar-se como um *eu*, por meio da experiência de produzir-se textualmente”.

A autoficção, que surgiu na França, vem atraindo diversos autores brasileiros pelas suas particularidades, liberdade e ausência da separação de verdade e ficção. No entanto, o termo ainda traz muitas discussões e contradições, sobretudo no campo da teoria literária. O próprio uso do termo criado por Serge Doubrovsky, “autoficção”, sofre diversas objeções, o crítico Schmitt (2007) observa que talvez o termo “ficção” é que seja a problemática no neologismo de Doubrovsky, para ele seria necessária a invenção de outro termo para designar tais narrativas, o mais apropriado, na sua sugestão, seria “autonarração”. Isso porque, como aponta Lejeune (*apud* HIDALGO, 2013, p. 221), “o leitor, diante da ideia de ler um texto simultaneamente como autobiografia e ficção, não consegue medir exatamente o que isso significa; e acaba o lendo como uma autobiografia clássica”.

3 A autoficção na cena literária: revisando a autoria

As objeções em torno das ideias de Barthes (2004; 2004b), Foucault (2004) e Blanchot (2005) contribuíram para que o conceito e a noção de autoria fossem reconsiderados, levando em consideração o novo cenário literário da contemporaneidade. O autor, antes decretado morto, agora ressurgiu; volta à cena; sobressai. Alguns teóricos convêm denominar

tal episódio de “retorno do autor”, constituindo assim uma concepção atualizada acerca da autoria.

Tais comportamentos do autor, aliados às novas tecnologias, ilustram exatamente este novo cenário literário de profundas modificações autorais, as quais pretendemos abordar. Assim sendo, utilizaremos dois blogs⁵⁸ para analisar e evidenciar esses novos conceitos agregados à autoria contemporânea, observando, assim, a *performatização*, a constituição e o comportamento do *eu* autoral na contemporaneidade. Os blogs foram usados, uma vez que esta ferramenta propicia essas novas tendências literárias.

Destacamos que os dois blogs em análise pertencem e são elaborados por uma mesma pessoa, de forma totalmente anônima. Não se sabe quem é a pessoa que escreve o blog, o autor empírico. Na plataforma de usuários e perfis aparecem: identificação, “Sr. Solitário”; uma caricatura; sua localização e sobre os escritos do blog: “Aquilo que penso. Aquilo que sinto. Aquilo que sou”. Embora não sabendo quem é o autor, no primeiro blog (Sr. Solitário), é possível ter conhecimento do cotidiano, dos gostos e de diversos aspectos e detalhes da vida do blogueiro, uma vez que são usados para relatar suas experiências e seu cotidiano.

O segundo blog (Coração de Papel) é dedicado exclusivamente à escrita de um romance que tem como título o mesmo do blog. Na descrição, observa-se: “Toda a história que aqui está a ser escrita é de minha autoria e, como podem verificar, está registrado como tal”. Após acompanhar o cotidiano do blogueiro em seu primeiro blog, observamos que é possível perceber marcas desse *eu* em sua narrativa fictícia no segundo blog, tais marcas levam o romance a ter um caráter autofictício.

A narrativa é protagonizada por **Alexandre**, ou Alex, como os amigos o chamam. Ele tem 18 anos e nasceu numa aldeia rural de Portugal, cheia de tradições e costumes, mas mudou-se para a cidade do Porto onde atualmente estuda Jornalismo na Faculdade de Letras da cidade. O jovem divide um apartamento com **Mariana**, sua melhor amiga, confidente e protetora. A jovem, por sua vez, relaciona-se com **Renato**, que na história é um jovem estudante de engenharia, rico e sem escrúpulos. Na faculdade, Alex é gozado pelos seus colegas por ser considerado diferente. O pior deles é Bernardo, um jovem de boa família, tradicionalista e bastante preconceituoso. Com a chegada de **Pedro** ao apartamento de Alex, toda sua mente se torna uma grande confusão. **Pedro** é carinhoso, dá-lhe atenção, protege-lhe, faz-lhe companhia e nutre uma certa paixão por Alex, perceptível nas suas ações. No entanto,

⁵⁸ Blog **Sr. Solitário**. Disponível em: <<http://srsolitario.blogs.sapo.pt/>>

Blog **Coração de Papel**. Disponível em: <<http://coracaopapel.blogs.sapo.pt/>>

Alex, confuso em sua orientação sexual, não corresponde, embora sinta uma certa atração pelo colega. A história, narrada em primeira pessoa, mostra o cotidiano, as decisões e os desafios de um jovem retraído por seus sentimentos.

Uma narração para ser denominada autoficção deve envolver algumas características que seguirão visíveis no enredo. Klinger (2008) aponta algumas: a) o autor denomina o personagem principal com o mesmo nome que o seu; b) o enredo, os personagens, os desfechos da narrativa têm carga referencial altamente biográfica; c) o autor incorpora-se em alguns dos personagens, geralmente o protagonista, criando um personagem que é ele próprio.

Em relação à primeira possibilidade, não podemos afirmar que personagem e autor têm o mesmo nome, assim como abordou Doubrovsky (1977) e Colonna (*apud* LAOUYEN, s.d), o qual, “numa autoficção o autor inventa uma personalidade conservando sua identidade real”. O que sabemos é que o personagem principal chama-se Alexandre, no entanto é impossível referirmos esse mesmo nome ao autor, uma vez que este não tem a identidade revelada. Nesse caso, conceituamos a narrativa como “autoficção anonominal ou nominalmente indeterminada” (VILAIN, 2009 *apud* HIDALGO, 2013, p. 221).

Enquanto isso, a segunda e a terceira possibilidades apontadas por Klinger (2008) são bastante visíveis na trama. Notamos que há incorporação do autor no personagem principal, Alex, sendo possível observar tal fato em diversos episódios da narração. Observamos que o blogueiro anônimo, que escreve sua vida no primeiro blog, nasceu numa pequena cidade de Portugal, depois mudou-se para cidade do Porto, onde permanece atualmente e estuda jornalismo em uma universidade. Todas essas marcas estão presentes também no personagem Alex. As características em comum continuam: o autor tem gostos por literatura, música, jazz e gastronomia, de tal modo como o personagem principal de seu romance. Além disso, diversos tipos de discriminação coincidem, dentre os quais o *bullying* e as referentes à sua orientação sexual.

No momento de produção da escrita, seja na narrativa autofictícia ou não, o autor é defrontado com sua realidade e com suas experiências que o remontam a produções que muito se enlaçam a elas. “Um escritor não pode criar um universo *ex nihilo*⁵⁹ a partir somente de sua imaginação e sem experiência nem referência ao real” (SCHNEIDER, 2011, p. 26), assim é que observamos que na autoficção, e demais escritas de si, pessoas reais são

⁵⁹ Expressão latina usada na metafísica para designar o fato de que *nada existe do nada*, isto é, o princípio de tudo parte sempre de algo já construído, conhecido e/ou vivido.

inventadas, acontecimentos vividos pelo autor são transportados disfarçadamente para a narrativa. E a realidade dá corpo à ficção.

No romance *Coração de Papel*, tais acontecimentos e memórias do blogueiro são ficcionalizados no enredo da narrativa e a percepção desse ato é possível, uma vez que são frequentemente descritos pelo autor em seu blog pessoal. Observemos quatro narrativas do blogueiro, a primeira e terceira são ditas reais e descritas no seu blog pessoal, enquanto que a segunda e quarta são retiradas da história fictícia, criada no segundo blog⁶⁰.

[...] Todos esses pensamentos ficam a martelar a minha mente até me arrancar algumas lágrimas que deixo cair inconscientemente. Só dou por ela quando uma amiga se senta ao meu lado nos degraus e me pergunta o que se passa. Depressa limpo as lágrimas que caíram para as esconder mas já não vou a tempo, ela continua a olhar-me esperando uma resposta. Depois de alguma insistência confesso parte de algumas agressões de que fui vítima. Ela olha-me com tristeza (BLOG SR. SOLITÁRIO).

Todos se estavam a rir de mim, alguns deles até se atiraram para o banco, de mãos na barriga, chorando de rir. Eu chorava de vergonha. Lá ao fundo vi que a Mariana e a Andreia estavam a correr na minha direção.

- O que é que se passa aqui? - perguntou a Mariana num tom de voz ameaçador
- Alexandre tu estás bem?

Não respondi. Ela olhou para mim e viu o que tinham feito à minha camisola (BLOG CORAÇÃO DE PAPEL).

De repente, eis que surgem dois rapazes na minha direção. Não gosto deles... Fazem-me coisas horríveis. O meu coração começa a bater descompassadamente. Dá-me um frio na barriga... Nunca senti tanto medo em toda a minha vida, pois eu sei o que aí vinha [...] (BLOG SR. SOLITÁRIO).

O meu dia estava só a começar. Ao longe avisto Bernardo e seu grupo de amigos, todos eles populares e com grande estatuto social, roupas [...]. Já com os seus sorrisos trocistas no rosto esperam que eu passe por eles, prontos para me atacar.

- Ó Bernardo, o teu amigo está a comer uma tosta - diz um.

- Pois está, já que ele não consegue comer a gaja com quem vive, come uma tosta! Decidi ignorar e continuar o meu caminho. Contudo, o Bernardo interrompeu-me, atravessando-se na minha frente. Os outros colegas dele fizeram o mesmo e todos formaram uma roda sobre mim para que eu não pudesse escapar, tal como uma presa!" (BLOG CORAÇÃO DE PAPEL).

Em tais casos, observamos duas situações ocorridas e relatadas pelo blogueiro e, logo abaixo, cenas muito semelhantes às de seu cotidiano, deixando claro que o blogueiro usa como referência suas próprias experiências na sua ficção. Além disso, escrever sobre isso, para o blogueiro, é uma forma de amenizar seus traumas vividos no passado: "Escrevo sobre bullying porque escrever faz-me libertar os fantasmas do passado que me atormentam. Eu sobrevivi." (BLOG SR. SOLITÁRIO).

⁶⁰ Decidiu-se padronizar os fragmentos retirados dos blogs e aqui analisados, que aparecerão sempre em itálico.

Verificamos também uma interessante questão relativa às pessoas do romance, consideradas, na expressão usada por Schneider (2011), personagens *à clé*⁶¹. Mariana, amiga de Alex, pode ser comparada à amiga o blogueiro, que também parece de forma anônima, mas a quem muito se refere em seu blog; Bernardo, rapaz que o discrimina e agride, compara-se aos jovens que, na juventude, zombavam dele na escola; Pedro, seu protetor e admirador, assemelha-se ao namorado do blogueiro que, poucas vezes, aparece em seus *posts*. Schneider (2011) observa que em um romance há sempre uma relação muito estreita entre romancista e seus personagens, essa relação é construída por projeções, lembranças, afetos e sensações que são incorporados na história.

Assim, outra questão analisada refere-se à solidão do autor. Diversos *posts* são reservados para compartilhá-la com seus leitores:

No silêncio do meu quarto, penso em ti (sua mãe). Já é dia, mas dentro destas quatro paredes ainda é noite; está escuro e o espaço que alberga a minha parca mobília está em absoluta taticurnidade [...]

No silêncio do meu quarto, penso em ti. Sorrio para o vazio quando uma recordação mais feliz me assola a mente [...]

Só porque, às vezes, queria ter um ombro amigo para chorar (BLOG CORAÇÃO DE PAPEL).

Fui para o meu quarto e olhei para a fotografia dos meus pais que se encontrava bem no centro da cómoda, enfeitada com um pano de renda que a minha mãe fez, todo trabalhado ponto a ponto. Acariciei os seus rostos sorridentes e senti muitas saudades de casa, onde era amado e acarinhado [...]. Porém, o pequeno cresceu e mudou-se para uma grande cidade em busca de um sonho, de um objetivo de vida, e agora sentia-se sozinho e inseguro. (BLOG SR. SOLITÁRIO).

Tal como todas as narrativas autoficcionais, das quais o autor tenta se esquivar e descomprometer-se de sua ficção, *Coração de Papel* deixa claro o mesmo: “Esta obra é apenas uma história de ficção, qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência”.

Embora fiquem claras as evidências da estreita relação entre a ficção e a vida pessoal do blogueiro, deixa claro que tudo aquilo não passa de ficção, confundindo dessa forma o leitor. Isso porque o autor de uma obra deste gênero embaralha ficção e (sua) vida real à composição de seu enredo. Esse é ponto que une os vários exercícios autoficcionais, isto é, “a possibilidade de apagar, ao menos embaralhar, os limites entre uma verdade de si e a ficção” (HIDALGO, 2013, p. 221). Ao mesclar esses dois elementos, a autoficção, como característica própria, não contorna as margens entre ambos, intrigando o leitor ao discernir até onde tal narrativa é ficção e o que daquilo que está sendo contado é verídico. Dessa forma,

⁶¹ Personagens fictícios, criados decalcando situações ou pessoas reais e apresentadas sob algum disfarce. Uma das razões que levam um autor a utilizar personagens *à clé* é a oportunidade de retratar eventos ou experiências autobiográficas sem expor as pessoas que fazem parte, assim como preservar a si mesmo.

fica clara a intenção do blogueiro, quando responde a uma leitora que lhe pergunta se tal história é, de certa forma, real:

Quem segue o meu blog, vê que eu também fui vítima de bullying através dos textos pessoais que escrevo. Claro que algumas das situações descritas neste romance são também provenientes de experiências de vida. Algumas, não todas! Como isto é uma história de ficção eu tenho a liberdade de dar largas à minha imaginação e aumentar uma cena ou até mesmo modificá-la para que se enquadre melhor na história (BLOG CORAÇÃO DE PAPEL).

Levando em consideração a guinada autoficcional na literatura contemporânea, especialmente no ciberespaço por meio dos blogs, Arfuch (2012) reelabora algumas ideias relativas a elementos literários, tais como sujeito e identidade que se sobressaem nessas narrativas.

O sujeito, a partir de então, aproxima-se da concepção utilizada na psicanálise, isto é, “incompleto, modelado pela linguagem, cuja dimensão existencial é dialógica, aberta a um Outro” de acordo com Arfuch (2012, p. 16). Isto é, o *eu* precisa do outro, do *tu* da linguagem para completar-se, constituindo aí um sujeito intersubjetivo. Arfuch (2012) observa ainda que nessas narrativas há um autobloqueio, auto-obstáculo que “impede o sujeito de realizar sua identidade plena”, que o busca através de “processos de identificação” (p. 16), nesse caso, através de personagens criados que são usados como recursos a este autobloqueio. Klinger (2008) considera que o retorno do autor remete também ao recalque do sujeito, emprestando o termo dos estudos freudianos. Tal recalque impede o autor de salientar-se, mesmo tendo esse desejo, sobretudo, numa sociedade marcada pelo narcisismo, e nesse ato que ele cria realidades fictícias.

A noção de identidade é construída “na temporalidade e na narração, suscetível à invenção, apesar da necessidade de autorreconhecimento e permanência” (ARFUCH, 2012, p. 17). Assim sendo, o *eu* autoral se coloca no lugar do personagem, mas alerta o leitor para não confundi-los. Nesses relatos, como aponta Arfuch (2012), há uma aproximação maior de autor-personagem do que quando se está perante um romance totalmente de ficção, embora toda a escrita literária seja inelutavelmente fictícia. Portanto, o princípio de identidade de personagem e autor autofictício fracassa e torna-se indefinida, duvidosa, suscetível, é construída nas malhas do texto.

Considerações Finais

O conceito de autoria na cultura atual, conforme observado, configura-se diferentemente dos tempos anteriores, assim como enunciou Teixeira Coelho, (1995, p. 157): “A ideia contemporânea da autoria não será mais, sem dúvida, a do século XIX ou XVI”.

A figura do autor nas narrativas atuais se sobressai de tal modo que hoje, na cena literária, há uma forte tendência às escritas de estilo (auto)biográfica. Na esteira dessa tendência, a autoficção ganhou destaque desde 1977 quando Doubrovsky escreveu *Fils*, obra que batizou o gênero. Atualmente, inúmeros escritores usam os artifícios da autoficção para escreverem sobre si e, ao mesmo tempo, ocultar-se mediante a máscara ficcional. O autor autofictício se incorpora em alguns de seus personagens tendo vontades e gostos próximos ou semelhantes. Nesse sentido, a constituição da figura autoral na contemporaneidade é dotada de múltiplas máscaras.

Tais comportamentos põem em discussão as fronteiras entre ficção e realidade, dois aspectos antagônicos e que na autoficção se ultrapassam. Com o objetivo de explanar sobre si, mas com impossibilidade de o fazer, o autor ficcionaliza suas experiências de forma que para o leitor é impossível saber até onde e o que daquilo é realmente ficção.

Assim, evidenciamos que a autoficção contribui para tais mudanças sobre o exercício da autoria na contemporaneidade e traz à cena novamente aquele que até pouco tempo era considerado “morto”: o autor, que agora ressurgiu e sobressai, comportando-se de maneira ambivalente, ora fictício ora real, e influenciado de certa forma pela sociedade cada vez mais narcisista, tecnológica e ostensiva.

Referências:

ARFUCH, Leonor, *Antibiografias? Novas experiências nos limites*. Trad. Dênia Silveira. In: SOUZA, Eneida *et al.* (Orgs.). **O futuro do presente**: arquivo, gênero e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

AZEVEDO, Luciene Almeida. Autoficção e literatura contemporânea. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, n 12, p. 31-49, 2008.

_____. Blogs: escrita de si na rede dos textos. In: **X Encontro Regional da Abralic**: Sentidos dos lugares. Rio de Janeiro, p. 88-91, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Luiz Henrique. **Palavras do chão**: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros. São Paulo: Annablume/Belo Horizonte: Fumec, 2003.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Inéditos vol. I - Teoria**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

BLANCHOT, Maurice. A morte do último escritor. In: **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice. "Onde agora? Quem agora?". In: **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FIGUEIREDO, Eurídice. Roland Barthes: da morte do autor ao seu retorno. **Revista Criação e Crítica**, São Paulo, n. 12, p. 182-194, jun. 2014.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. **Revista Criação e Crítica**, São Paulo, n. 4, p. 91-102, abr. 2010.

CHARTIER, Roger. Figuras do autor. In: **A ordem dos livros**. Lisboa: Veja/Passagens, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagens, 2002.

HIDALGO, Luciana. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. **Revista ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 15/1, p. 218-231, jan./jun. 2013.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, n 12, p. 11-30, 2008.

LAOUYEN, Mounir. **L'autofiction**: une réception problématique (s. d.). Disponível em: <<http://www.fabula.org/forum/colloque99/208.php#FN60#FN60>>. Acesso em: 15 maio 2007.

PORTANOVA, Eduardo. O autor no imaginário da pós-modernidade: repensando Flusser e Foucault. **Ciências Sociais**. Unisinos, São Leopoldo, v. 46, n. 2, p. 152-155, mai./ago. 2010.

SCHMITT, Arnaud. La perspective de l'autonarration. **Poétique**, Bordéus - França, n. 149, p. 15-29, fev. 2007.

SCHNEIDER, Michel. O outro eu. Trad. Cleonice Mourão. In: SOUZA, Eneida; MIRANDA, Wander (Orgs.). **Crítica e Coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EL GUIÑO AUTOFICCIONAL EN EL CIBERESPACIO: REVISANDO LA FIGURA DEL AUTOR EN LA CONTEMPORANEIDAD

Resumen

La sociedad contemporánea está fuertemente marcada por la presencia de la tecnología, la cual, a su vez, se difunde en el ciberespacio. Paralelamente a esto, las narrativas contemporáneas escritas figuran con una marcada presencia del *yo* y la búsqueda constante de la figura del productor en las líneas de sus narrativas, especialmente en esta era digital, con la llegada de los nuevos medios tecnológicos. En este contexto, el autor y el ejercicio de la autoría adquieren nuevos y diferentes conceptos de los que, hasta hace poco, fueron predicados por diversas crítica literarias, así como los formalistas rusos. Por consiguiente, el objetivo en este trabajo, es evidenciar y analizar estos nuevos conceptos añadidos a los autores contemporáneos, a través del análisis de una novela de carácter autoficcional, escrita en un blog. Evidenciándose que la autoficción, es utilizada por los autores como una forma de expresar sus deseos narcisistas al hablar de sí mismos, ocurriendo disfrazada en forma de ficción, trasladando nuevamente a la escena literaria, el interés por parte del lector y de la crítica, al autor. Presentando la autoficción como uno de los nuevos géneros literarios que, al ser teorizado, renueva viejos conceptos sobre la autoría.

Palabras clave

Autoficción. Autoría. Blog.